

FORMAÇÃO EM HUMANIZAÇÃO DO SUS: A Pesquisa Participativa em Análise

Renata Flores Trepte¹ e Simone Mainieri Paulon²

¹Bolsista de Iniciação Científica CNPq, Graduanda de Psicologia da UFRGS.

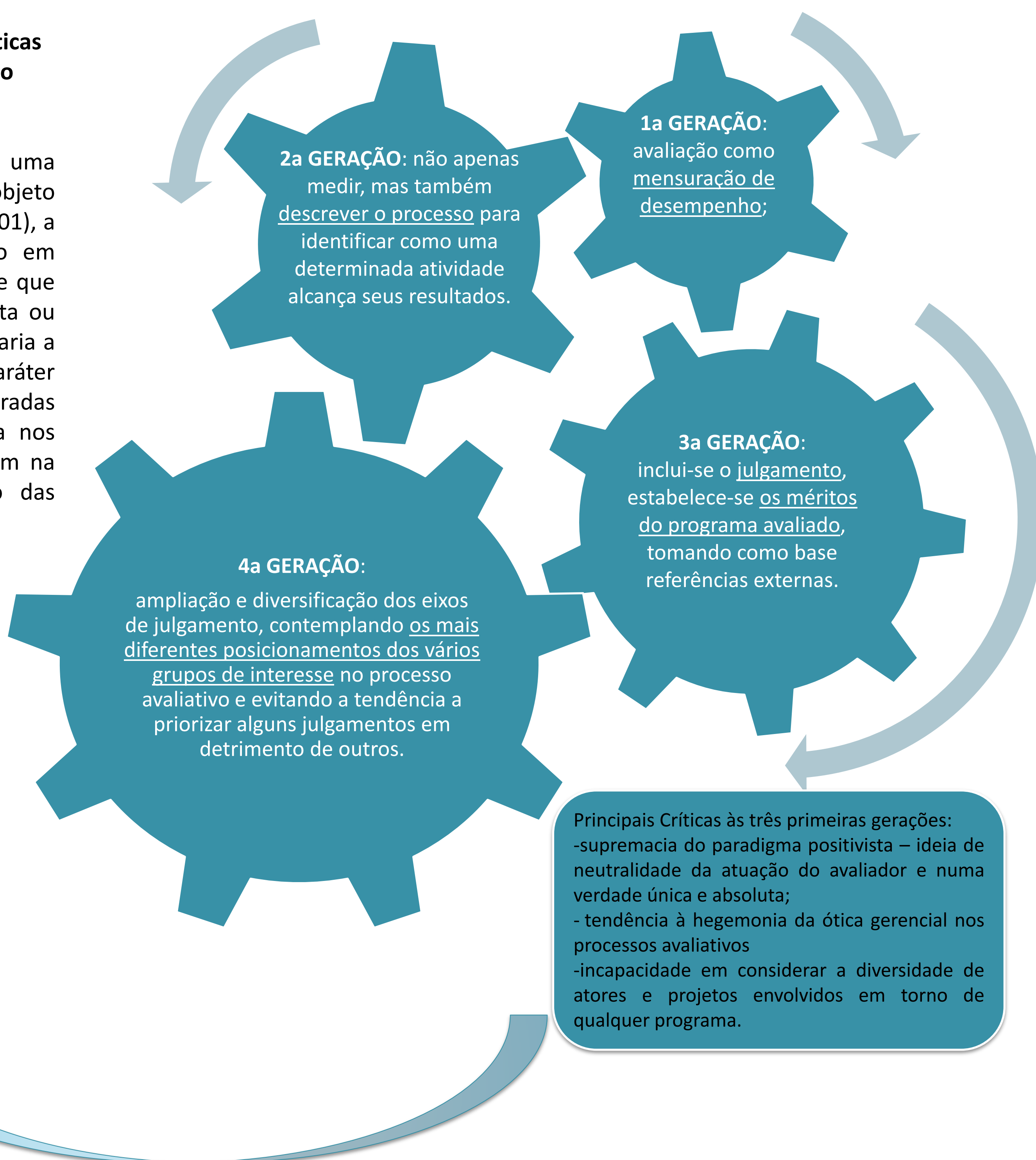
²Professora orientadora, doutora PPGPSI/UFRGS.

O trabalho apresenta um recorte a partir da pesquisa multicêntrica intitulada “Formação em Humanização do SUS: Avaliação dos efeitos dos processos de formação de apoiadores institucionais na produção de saúde nos territórios do RS, SC e SP”. É focado no aspecto metodológico da participação na pesquisa, a qual objetiva avaliar a política de formação-intervenção da Política Nacional de Humanização do SUS e seus efeitos na produção de saúde, nos referidos territórios. Envolve a parceria entre o Ministério da Saúde e três Programas de Pós-Graduação, sendo dois em Psicologia (UFRGS e UNESP-Assis) e um em Saúde coletiva (UFSC). O processo investigativo procura transversalizar os regimes de saber e poder, propondo a superação da lógica que separa aqueles que avaliam dos que são avaliados.

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS: Por que articular práticas de participação a métodos de pesquisa e produção do conhecimento?

AVALIAR SIGNIFICA emitir juízo de valor sobre uma intervenção, um serviço, um programa, enfim sobre o objeto alvo da ação avaliativa. Guba e Lincoln (apud Furtado, 2001), a partir de um percurso histórico, propõe uma divisão em QUATRO GERAÇÕES com relação ao tema, ressaltando-se que tal divisão não corresponde a uma proposta progressista ou mesmo evolutiva, na qual uma geração ao surgir suplantaria a anterior. Em vez disso, a proposição dessa divisão tem caráter essencialmente didático e as gerações coexistem ancoradas nos mais diferentes eixos metodológicos. Tal proposta nos auxilia a acompanhar os movimentos que se agenciaram na composição da cena acerca da temática do campo das pesquisas avaliativas.

Nessas circunstâncias, a avaliação pode proporcionar intervenções que vão além do simples fornecimento de dados para o julgamento e tomada de decisões em torno de algo a ser avaliado. Isto porque, na medida em que se busca o compartilhamento de diferentes valores, a avaliação pode possibilitar que esses valores sejam alterados, provocando a instauração de processos de mudanças (FURTADO, 2001).



AValiação como Dispositivo de Mudança

Avaliar passa a significar, não somente emitir um juízo de valor, mas a possibilidade da produção de diferença caracterizada pela abertura a processos de diferenciação, singularizantes e irreversíveis. Tal abertura seria acionada pela inclusão dos distintos posicionamentos, julgamentos e valores, num movimento em que mudanças são disparadas e novos agenciamentos são produzidos (GUATTARI, 2000).

Tomar a avaliação como um dispositivo é apostar numa prática que aciona processos de mudança de posições, é considerar que os processos avaliativos atualizam relações de saber-poder, viabilizando que estas relações sejam submetidas a um processo de diferenciação, ao modificarem posições subjetivas (FOUCAULT, 2010).

A experimentação desta pesquisa em seu caráter **qualitativo, interventivo, avaliativo, participativo** vem permitindo um reposicionamento dos envolvidos no processo investigativo, um deslocamento da ação de pesquisar *sobre* para a ação de pesquisar *com*, que gera um movimento no qual sujeito e objeto deixam de ser posições previamente estabelecidas para engendram-se no mesmo ato de conhecer.

A criação de uma instância participativa – o Grupo de Interesses de Pesquisa (GIP) - formado pelos próprios apoiadores e formadores (público-alvo da pesquisa) para compor o processo investigativo, incluindo sucessivas aproximações ao campo e análises coletivas dos dados, tem funcionado como importante dispositivo para colocar o caráter participativo da pesquisa em análise.